

**JUSTIÇA  
CIDADANIA &**

revistajc@revistajc.com.br - www.revistajc.com.br

**GUERRA & PAZ**



# **TRANSMISSÃO DE CARGO NO TRF-2**

**ESPECIAL: IGNOMÍNIA CONTRA A CULTURA JURÍDICA**



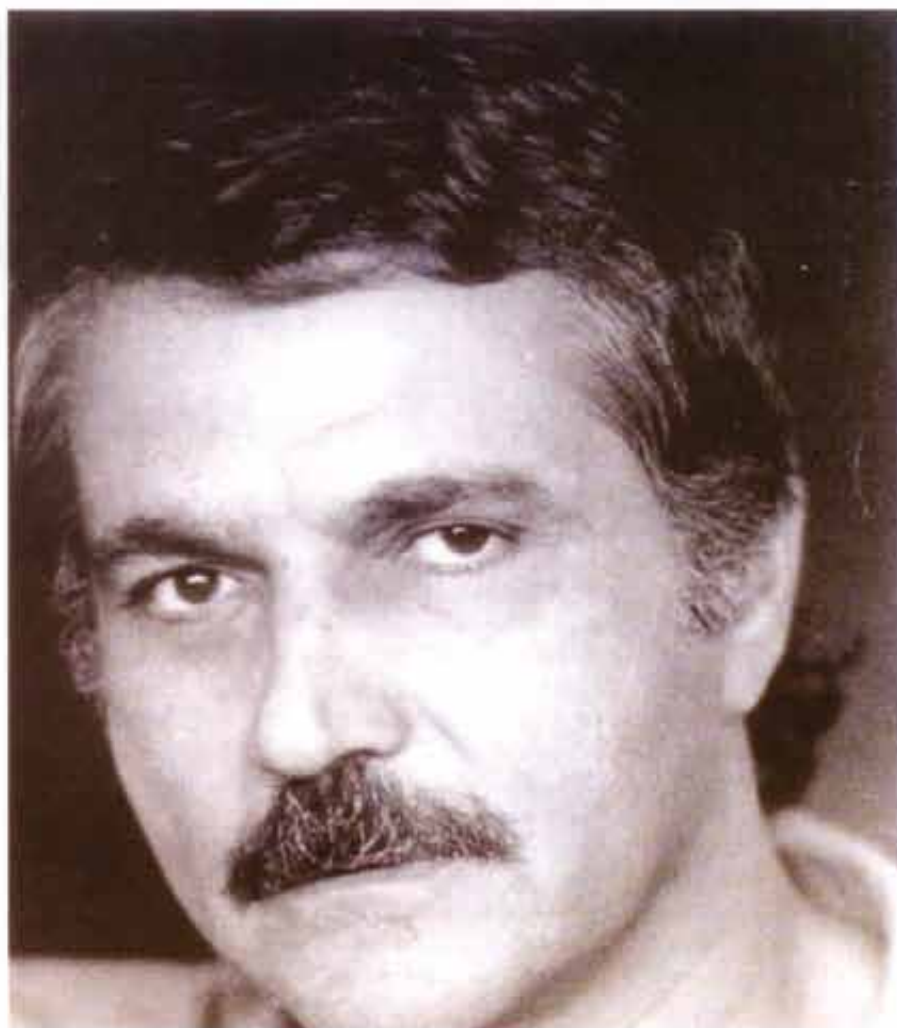
# GUERRA E PAZ

Des. Cármine Antônio Savino Filho

Quando as imagens dos primeiros soldados norte-americanos mortos em combate começaram a aparecer dramaticamente nas telas da televisão, é possível que parte da opinião pública internacional se esqueça de que esta guerra absurda não foi motivada pelos iraquianos, os que mais têm a perder com o conflito. Batizada com o nome de "estratégia de choque e pavor", ela significa o bombardeio sobre o Iraque, com 7.67 toneladas de explosivos, correspondentes a 360 bombas de Hiroshima em apenas três dias. Jovens, velhos, mulheres e crianças - dentre as centenas de milhares marcados para morrer - meros peões dispensáveis e insignificantes neste tabuleiro do xadrez geopolítico montado pelo presidente George W. Bush.

Aparentemente vencedores, os EUA sairão desta guerra politicamente derrotados, como ocorreu no Vietnã, e sob o risco de ver a morte de Saddam Hussein transformá-lo em herói, líder da guerra santa, mito para toda a posteridade muçulmana.

Por que Bush se empenha tanto em fazer a guerra? Porque ela se insere em uma estratégia mais ampla, sonho que já perseguiu Atila, Gengis Khan, Napoleão, Hitler e tantos outros: criar um império mundial que baste a si mesmo e que dure indefinidamente. Por



isto, o pretensioso arsenal iraquiano é motivo menor. A questão é dominar o Oriente Médio e suas riquezas. Ainda que os inspetores da ONU garantissem sua inexistência, nada mudaria. Os Estados Unidos sempre achariam um meio de

dizer que os inspetores foram enganados por Saddam, ou eram incompetentes, coniventes ou algo do gênero.

Estes primeiros anos do século XXI produziram uma ruptura da ordem mundial, e inauguraram uma estranha

lógica internacional, cruel, perversa e preocupante, expressa em uma nova geopolítica que desfigura os antigos conceitos.

Difícil será conviver com esta nova lógica, que deságua em declarações arrogantes do Governo norte-americano: "Vamos destruir o Iraque e dar-lhe depois 'ajuda humanitária'". Isto não é governo organizado, é associação para o crime. Afinal de contas, a reconstrução do Iraque que sofrerá a "política de terra arrasada" é considerado o grande negócio do século, algo para mais de 20 bilhões de dólares. E dele estarão afastados os países que agora se recusaram a tomar parte na guerra, como a França, por exemplo.

Ao absurdo desse crime organizado, soma-se a falta de escrúpulos. Donald Rumsfeld, secretário de Defesa dos Estados Unidos, declarou que "Saddam Hussein estará cometendo crime de guerra se permitir que civis morram por causa das bombas norte-americanas". Por esta nova lógica, não é o invasor com seus mísseis que pratica crimes de guerra, é o infeliz que se deixou matar por eles.

Bush declarou há pouco que, em seu governo, antes de agir, ele sempre perguntaria a si mesmo o que Jesus faria em seu lugar. Até poucos anos, a correlação de forças entre os dois blocos, um liderado pelos Estados Unidos e outro pela União Soviética, permitia uma paz precária. Uma paz turbada por conflitos regionalizados, mas ainda paz. O grande arsenal bélico de uma das duas potências tinha poder dissuasivo, assustava a outra. Funcionou durante décadas a máxima latina "Si vis pacem, para bellum" - "Se queres a paz, prepara-te para a guerra". Uma guerra que, afinal, jamais aconteceu.

Entretanto, com o declínio da União Soviética, os Estados Unidos decidiram eleger um novo inimigo, que não lhe desse trabalho de exterminar e que, de preferência, tivesse riquezas que pudessem ser pilhadas. O eleito foi o Iraque, por razões óbvias, tendo o Afeganistão por aperitivo.

O Iraque está proibido de voar sobre parte de seu próprio território, tem seu espaço aéreo invadido várias vezes por dia por aviões norte-americanos, vive enfraquecido por um bloqueio econômico que já dura 12 anos e que condena milhares de crianças à morte por

falta de remédios. Como afirmar que este país seja uma ameaça para a segurança americana? Mesmo porque seus obsoletos mísseis Scud mal podem ultrapassar as fronteiras do Iraque, permanentemente cercado por dezenas de bases aéreas norte-americanas, espalhadas pelo Kuwait, Arábia Saudita, Omã, Emirados Árabes Unidos, Turquia, Qatar, Barhein e Chipre. Além de seis porta-aviões no Mar Vermelho e no Golfo Pérsico, que somam 420 moderníssimos aviões.

Existe consenso de que Saddam Hussein pratica um governo ditatorial, de escassas liberdades civis, ainda que endeusado pelas massas. Mas a questão é que os Estados Unidos têm sido, através dos tempos, padrinho e fiador de dezenas de regimes ainda piores, desde que eles sirvam a seus interesses. O próprio Saddam, assim, como, entre dezenas de exemplos, Bin Laden, Noriega, Trujillo, Somoza, Batista, Mobutu, Milosevic, Chiang Kai Check. Inúmeros outros ditadores sanguinários na América Latina, na África, na Ásia e na própria Europa, deveram sua ascensão ou permanência ao explícito apoio norte-americano.

Agora, os Estados Unidos se acham autorizados a dispensar as leis, os tratados, o estado de direito. Cícero certa vez disse: "As armas cedam às togas". Bush e seu grupo inverteram a máxima e anunciaram: "As togas cedam às armas". Para o governo americano, o que conta são de quantos porta-aviões se dispõe, quantas brigadas de paraquedistas, quantos tanques e por afora.

As conseqüências desta guerra ainda não podem ser aquilatadas em toda a sua extensão. O esfacelamento da Europa, via Iraque, é um dos objetivos da guerra e que interessa aos propósitos hegemônicos dos EUA. A divisão entre os países europeus poderá a curto prazo refletir na União Européia, de recente e difícil costura. A OTAN jamais será a mesma e já se fala na "Brecha do Atlântico", argumento usado para dobrar a relutante e mercenária Turquia.

A carta das Nações Unidas não prevê guerras preventivas. A ONU foi criada para impedir guerras, não para produzi-las. Mas de que adianta qualquer argumento, qualquer apelo à razão? É provável que o declínio de uma ONU desprestigiada venha a levá-la à sua

extinção, como aconteceu com a Liga das Nações em 1946.

Na verdade, atualmente não interessa aos Estados Unidos a existência de uma organização supranacional. ONU para quê? Os norte-americanos se arrogam o papel de Legislativo, Executivo e Judiciário do mundo. Bush tem repetido que "a ONU corre o risco de se tornar irrelevante". "Não preciso de autorização de ninguém" Bush mandou às favas a opinião pública mundial ao jogar no lixo o Tratado de Kioto, para proteger interesses econômicos e em detrimento da preservação do meio-ambiente. Da mesma maneira, Bush boicotou o Tribunal Penal Internacional, que embora sem os Estados Unidos, se instalou em Haia.

Mesmo para um país que gasta anualmente US\$ 300 bilhões com armamentos, o custo da guerra será alto: US\$ 1 trilhão, mas os Estados Unidos dispõem de muitos países fracos e indefesos. Países do Oriente Médio, nas últimas semanas, já compraram dos Estados Unidos mais de US\$ 50 bilhões em armamentos.

O Império Romano durou séculos porque, dono de todo o mundo conhecido na época, teve a sabedoria de respeitar a diversidade cultural dos povos conquistados, de preservar seus costumes e de honrar seus deuses, e até mesmo de incorporá-los aos deuses romanos. Acima de tudo, levou a esses povos vencidos sua cultura excepcional, povos com os quais dividia tecnologia capaz de construir pontes, estradas, aquedutos que levavam progresso. Estas nações absorviam de bom grado os conhecimentos de Roma sobre Filosofia, as práticas de Cidadania e sobretudo, de Direito, tudo isto tendo como veículo uma língua superior. Era a Pax Romana.

No século XXI, Bush quer impor a hegemonia americana. Só que sem os benefícios de uma civilização superior em pensamento, em arte, em ética. Mas em troca, oferecem as vantagens de sua própria cultura, do McDonalds, da Coca Cola, de Hollywood e da Disneyworld.

Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro